

## OS DESAFIOS DA GEOGRAFIA ESCOLAR: Como a geociências é abordada no 6º ano do Ensino Fundamental.

**Suellen Pereira**

Doutoranda em Geografia – PUC-  
Rio.

**Resumo**

O presente artigo tem como objetivo dialogar sobre a crise da Geografia Escolar, os desafios curriculares e o currículo oferecido aos estudantes do 6º ano do Ensino Fundamental II, da Educação Básica, com destaque para temática da evolução geomorfológica da Terra – A deriva continental, as placas tectônicas, as esferas da Terra e relevo.

**Palavras-chave:** Geografia Escolar, Currículo, Geociências.

**THE CHALLENGES OF SCHOOL GEOGRAPHY: HOW GEOSCIENCES IS APPROACHED IN THE 6TH YEAR OF ELEMENTARY SCHOOL.**

**Abstract**

This article has like discuss to talk the crisis of School Geography, the curricular challenges and the curriculum offered to students of the 6th grade of Basic Education, with emphasis on the subject of the geomorphological evolution of the Earth - the continental drift, the tectonic plates, the spheres of the Earth and relief.

**Keywords:** School Geography, Curriculum, Geology and Geomorphology.

<sup>i</sup> *Endereço institucional:*

Colégio Colabore. Estrada  
Marino Nunes Vieira - Várzea das  
Moças, Niterói - RJ, 24342-180

*Endereço eletrônico:*

[suellensilvap@yahoo.com.br](mailto:suellensilvap@yahoo.com.br)

### Introdução

Nas últimas décadas do século XXI tem se discutido muito sobre o papel da Geografia Escolar e sua contribuição no contexto educacional e de formação dos estudantes. Nos debates têm- se compreendido que o campo epistemológico dessa ciência promove diferentes narrativas. Neste sentido, surgem algumas reflexões como as propostas pelo professor Herculano Cachinho (2000, p.74), “Que Geografia

Ensinar?”, “Como Ensinar?” e a terceira questiona o valor formativo e a finalidade da disciplina.

De acordo com Herculano Cachinho (2000, p. 74), a disciplina passa por uma crise associada a uma preocupação demasiada com os conteúdos e objetivos dos programas e que promove, frequentemente, o desinteresse dos estudantes. Em paralelo e completamente diferente dessa iniciativa surge a partir da metade do século XX uma perspectiva de educação democrática em que os estudantes são responsáveis em construir o seu currículo de aprendizagem com o auxílio dos seus educadores (SINGER, 2010, p. 15), sem seguir um currículo extremamente programado.

Mas afinal o que é o currículo e o seu papel no processo de aprendizagem dos estudantes? O currículo é elaborado dentro de várias lógicas: a epistemológica baseada no caráter disciplinar do conhecimento, o campo científico, a psicológica considerando a capacidade e o grau de desenvolvimento cognitivo dos estudantes e a corporativa definida por um grupo específico de educadores, com caráter pedagógico ou formativo que responde às exigências do processo educativo dos estudantes (SAVIANI, 2003, p. 20).

Saviani (2003, p. 25) ainda elencou três tipos de enfoque na estruturação do currículo, a saber: i) o que prioriza o aluno e o cotidiano em sala de aula, organizando por atividades, ii) o que prioriza a socialização do saber; iii) o que prioriza as exigências de formação do homem contemporâneo.

Neste sentido, o presente artigo apresentará uma maior perspectiva e possibilidades do que seria a crise da Geografia Escolar, em seguida, o papel curricular, os seus desafios no processo de aprendizagem e por último dialogar sobre o currículo da Geografia ofertado para o 6º ano do Ensino Fundamental, com destaque para a temática da evolução geomorfológica da Terra. Ressalta-se que a proposta de uma análise do currículo do 6º ano do Ensino Fundamental II é justamente por ser o primeiro momento da disciplina lecionada com um educador especialista em geografia.

## A Crise da Geografia Escolar?

A Geografia é uma disciplina escolar que pode contribuir significativamente para formação cidadã e do pensamento crítico dos estudantes. Mas, na prática diária da sala de aula, a Geografia apresenta desafios, sobretudo na construção de um pensamento geográfico dos estudantes que dialoguem com a relação de complexidade dos fenômenos naturais e sociais.

Correa (2014, p. 7) em seu artigo publicado no Congresso Brasileiro de Geógrafos listou ao menos quatro possíveis conclusões sobre os desafios inseridos no contexto da geografia escolar, a saber: i) As questões práticas do cotidiano escolar devem ser abordadas na formação do ensino superior; ii) Repensar a prática docente no contexto teórico-metodológico; iii) O livro didático não pode ser o vilão do ensino precário e também não é o único recurso didático; iv) Conteúdo com base na análise da realidade do aluno. De acordo com Andrade (2018, p. 38), a geografia escolar ainda é bem próxima de uma disciplina da memorização, tendo características descritivas, por uma estruturação mecânica de fatos, fenômenos e acontecimentos tendo como método de investigação características positivistas.

Sendo assim, como transformar a geografia escolar em uma disciplina que possa propiciar algumas pistas de olhar para o mundo e também desenvolver algumas ideias que, quando postas em prática, permitam aos estudantes mobilizar os conhecimentos e o saber-fazer geográficos na resolução dos seus problemas e assim encontrem sentido e utilidade na geografia escolar (CACHINHO, 2000, P. 3). Considerando a problemática, Cachinho (2000, p. 75) apresenta algumas proposições que podem contribuir na reflexão, diálogo e prática da Geografia Escolar.

Uma geografia recentrada que possa utilizar os conceitos que são fundamentais para construção de uma educação geográfica, capazes de desenvolver no aluno o saber pensar o espaço. Dessa forma, assumem importância os conceitos de percepção, espaço/ lugar/ território/ escala, localização, distribuição, distância, tempo, histórico e interação/ causalidade (CACHINHO, 2000, p. 76).

A Geografia Escolar deve partir de uma problemática real, pois são mais significativos quando estiverem mais próximos do cotidiano do aluno. Além disso, a Geografia também deve considerar suas análises à nível sistêmico, compreendendo as

inter-relações que todos os agentes e fenômenos estabelecem. Por último, uma Geografia Ativa, é fundamental que os educadores utilizem metodologias ativas e construtivistas nos processos de aprendizagem.

Cabe ressaltar que, muito tem se discutido sobre o uso de tecnologias na educação, fato este que colabora no processo de aprendizagem em diversos aspectos vide agora no ano de 2020, com a pandemia mundial pelo COVID-19, mas é importante lembrar que esta não deve ser a única forma da prática docente no sentido de inovar. Inovar significa renovar, introduzir novidade e criatividade (CORRREA, 2014, p. 3) e as iniciativas metodológicas podem ser mais abrangentes.

A Geografia Escolar apresenta possibilidades e grandes perspectivas sobre a construção do pensamento e análise do espaço geográfico. Mas, para isso é necessário também que haja uma reorientação na ciência geográfica, frisando o seu papel. Como a própria Suertegaray & Paula (2019, p. 81) apresentam que a Geografia moderna e da compartimentação é expressada no campo dualista que, separam a natureza e sociedade, na Geografia Física e Humana e ressalta a importância dessa não fragmentação e sim da perspectiva da totalidade e da pluralidade. Suertegaray (2019, p. 81) destaca a importância de religar a Geografia.

A proposta da autora também se estabelece a partir de sua base – os estudos da natureza, para apontar que essa Geografia, a partir da compreensão da totalidade não se constitui por meio de uma receita pré-determinada, mas resulta da capacidade dos pesquisadores, a partir da base teórica e empírica, de ampliar o diálogo. Logo, a proposta não nega a pluralidade de abordagens, mas aponta para a necessidade de que as mesmas tenham potencial articulador com uma Geografia da totalidade (SUERTEGARAY, 2019, p.81).

A Geografia da totalidade dialoga na relação da sociedade e natureza, para autora existe uma discussão latente sobre compartimentação, fragmentação e/ ou totalização, todos entendidos como processos, sendo os dois primeiros relacionados à ruptura, enquanto totalização compreende-se como articulação e contextualização (SUETEGARAY, 2019, p. 84). Partindo desse entendimento, o autor Rivera, (2020, p. 273) reforça a necessidade de renovação na discussão do conhecimento geográfico e também da prática pedagógica considerando as mudanças que ocorreram na sociedade, dentre os principais desafios é compreender os acontecimentos do atual cenário e como a geografia pode ser desenvolvida com os estudantes de maneira que

não promova uma educação tradicional que apenas transmite um conhecimento estático.

### **O Currículo**

O currículo surge no contexto educacional com uma proposta de racionalização dos resultados educacionais, rigorosamente especificados e medidos. Segundo Andrade (2018, p. 37), o tema sobre currículo escolar apareceu pela primeira vez, como objeto de estudo de pesquisa, em 1920, nos Estados Unidos. A proposta inicial era que a escola funcionasse como uma indústria e o currículo seria o mecanismo de organização dos conteúdos.

Atualmente, busca-se apresentar uma nova perspectiva de educação e o currículo passa a ter várias intenções e significados que ainda demonstram e apontam para diferentes disputas de poder. (ANDRADE, 2018, p. 38). As pessoas envolvidas na elaboração de um currículo, não o fazem de maneira neutra, o currículo escolar é formado de valores, ideologias, forças e interesses (ANDRADE, 2018, p. 38).

Em meados da década de 1960, surgem diversos movimentos de transformação social, cultural e ambiental e com isso novas teorizações no campo educacional surgem também, criticando o papel do currículo como tecnicista e administrativo. Michael Apple, 1982 apud Ferreira, 2018, p. 29 reforça que a educação nunca é um empreendimento neutro e com isso as escolas produzem e reproduzem formas de consciência que permitem a manutenção do controle social dos grandes grupos dominantes.

O que se observa na trajetória das pesquisas sobre o currículo são os estudiosos das teorias críticas, como Michael Apple, que apresentam como os conteúdos são associadas às relações de poder e a produção de saberes que sustentam a ordenação dos mesmos, o currículo nunca é uma montagem neutra de conhecimentos. E os estudiosos das Teorias Pós- Críticas ampliando as propostas que devem ser inseridas nos currículos considerando o multiculturalismo (papel do gênero, pedagogia feminista, raça, etnia) (FERREIRA, 2018, p. 30).

Existe um debate sobre a real função e dos próprios conteúdos que são elaborados no campo curricular. De acordo com Saviani (2016, p. 55) tudo que ocorre

na escola é curricular, as comemorações festivas, as atividades realizadas. Mas como fazer com que a escola não reproduza as desigualdades sociais da sociedade? Saviani ainda apresenta (2003, p. 30), o processo de seleção de conhecimento a ser incorporado ao currículo não deve ser de maneira aleatória e dominante.

Segundo FERREIRA (2009, p. 24) o currículo encontra-se em constante movimento e percorre diferentes fases, a saber:

o currículo prescrito que corresponde às diretrizes gerais, sendo considerado uma referência para o funcionamento do sistema curricular; o currículo apresentado tem o intuito de clarificar e traduzir seus significados e conteúdos quando visto pelo educador; currículo modelado pelos professores que na prática são os planejamentos anuais e o próprio plano de aula, o currículo em ação que é o desenvolvido no dia a dia na sala de aula e o currículo avaliado que implica no momento de avaliação. Dessa forma, compreende-se a dimensão de um currículo vivo, pois está o tempo todo em movimento. (FERREIRA, 2009, p. 24).

Considerando o movimento crítico curricular e seu conteúdo, como a geografia vem desenvolvendo o seu papel como disciplina curricular. Andrade (2018, p. 39) diz que a geografia na escola não deve formar jovens geógrafos, mas sim que o papel da geografia é desenvolver a capacidade de pensar teoricamente, e, de maneira crítica para analisar a espacialidade dos acontecimentos naturais e sociais.

Segundo Cavalcanti (2012, p.142), ensinar uma disciplina depende de vários fatores, não apenas das metodologias didáticas, mas de outros tipos de métodos, como o método científico, os métodos da cognição e os métodos particulares das próprias ciências. Desse modo, o educador considerando o currículo, a construção do raciocínio geográfico, deve ao planejar uma aula ter conhecimento prévio dos métodos científicos para selecionar uma linha metodológica: positivismo; fenomenologia ou dialética e saber também quais são as melhores formas de aprendizagem para os estudantes.

Ressaltando que, no século XXI, já se reconhece as fragilidades de uma aula expositiva, considerada tradicional em que o conteúdo é explicado, mas, entretanto, não é garantido que o aluno aprendeu ou ao menos memorizou para realizar a avaliação sobre aquela determinada disciplina. O que se espera é que a geografia tenha mais significado na construção do pensamento e na vida dos estudantes.

## A Geografia do 6º ano do EF II

Após o diálogo sobre as dificuldades enfrentadas pela geografia escolar, como também o desafio de implementar um currículo de muitas contradições, cabe aqui, propor uma reflexão do primeiro contato dos estudantes com os processos geológicos- geomorfológicos na disciplina de Geografia. Para análise do presente artigo foram utilizados como referências os documentos curriculares (norteadores) o Parâmetro Curricular Nacional - PCN e a Base Nacional Comum Curricular, a experiência da prática docente da autora e também o livro didático Araribá Mais Geografia do 6º ano, Editora Moderna, disponível em: <https://pt.calameo.com/read/0028993277acb38cc88co?authid=JsxIVoSbO3it>

Os objetivos gerais da Geografia de acordo com o PCN são Quadro 1:

Quadro 1: Objetivos da Geografia 5ª a 8ª séries do Ensino Fundamental

i)conhecer o mundo atual em sua diversidade, favorecendo a compreensão, de como as paisagens, os lugares e os territórios se constroem;
ii)identificar e avaliar as ações dos homens em sociedade e suas conseqüências em diferentes espaços e tempos, de modo que construa referenciais que possibilitem uma participação propositiva e reativa nas questões socioambientais locais;
iii)conhecer o funcionamento da natureza em suas múltiplas relações, de modo que compreenda o papel das sociedades na construção do território, da paisagem e do lugar;
iv)compreender a espacialidade e temporalidade dos fenômenos geográficos estudados em suas dinâmicas e interações;
v)compreender que as melhorias nas condições de vida, os direitos políticos, os avanços tecnológicos e as transformações socioculturais são conquistas ainda não usufruídas por todos os seres humanos e, dentro de suas possibilidades, empenhar-se em democratizá-las;
vi)conhecer e saber utilizar procedimentos de pesquisa da Geografia para compreender a paisagem, o território e o lugar, seus processos de construção, identificando suas relações, problemas e contradições;
vii)orientá-los a compreender a importância das diferentes linguagens na leitura da paisagem, desde as imagens, música e literatura de dados e de documentos de diferentes fontes de informação, de modo que interprete, analise e relacione informações sobre o espaço;
viii)saber utilizar a linguagem gráfica para obter informações e representar a espacialidade dos fenômenos geográficos;
ix)valorizar o patrimônio sociocultural e respeitar a sociodiversidade, reconhecendo-os como direitos dos povos e indivíduos e elementos de fortalecimento da democracia

Fonte: Parâmetro Nacional Curricular, 1998, p.35

Analisando o Quadro 1 compreende-se que, os objetivos 3, 4 e 8 estariam dialogando com a compreensão do que seriam os processos geológicos e geomorfológicos da Terra. Enquanto na BNCC antes de entrar nos objetivos (nas competências e habilidades) que devem ser construídos com os estudantes, é possível identificar, anteriormente, a proposta de desenvolvimento de um raciocínio geográfico a ser construído com os estudantes, conforme demonstra a Figura 1.

PRINCÍPIO	DESCRIÇÃO
<b>Analogia</b>	Um fenômeno geográfico sempre é comparável a outros. A identificação das semelhanças entre fenômenos geográficos é o início da compreensão da unidade terrestre.
<b>Conexão</b>	Um fenômeno geográfico nunca acontece isoladamente, mas sempre em interação com outros fenômenos próximos ou distantes.
<b>Diferenciação*</b>	É a variação dos fenômenos de interesse da geografia pela superfície terrestre (por exemplo, o clima), resultando na diferença entre áreas.
<b>Distribuição</b>	Exprime como os objetos se repartem pelo espaço.
<b>Extensão</b>	Espaço finito e contínuo delimitado pela ocorrência do fenômeno geográfico.
<b>Localização</b>	Posição particular de um objeto na superfície terrestre. A localização pode ser absoluta (definida por um sistema de coordenadas geográficas) ou relativa (expressa por meio de relações espaciais topológicas ou por interações espaciais).
<b>Ordem**</b>	Ordem ou arranjo espacial é o princípio geográfico de maior complexidade. Refere-se ao modo de estruturação do espaço de acordo com as regras da própria sociedade que o produziu.

Figura 1: Quadro com os Princípios do Raciocínio Geográfico – BNCC.

Fonte: BNCC, 2018, p. 360.

De acordo com a BNCC (2018, p. 360) a grande contribuição da Geografia aos estudantes da Educação Básica é desenvolver o pensamento espacial, estimulando o raciocínio geográfico para representar e interpretar o mundo em permanente transformação e relacionando os componentes da sociedade e da natureza. Dessa forma, é necessária a apropriação dos conceitos da geografia.

Em relação às competências e as habilidades que serão desenvolvidas com os estudantes do 6º ano foram apresentadas, no presente artigo, as que possuem relação com os processos geológicos e geomorfológicos da Terra, a saber:

EFO6GEO2: Analisar modificações das paisagens por diferentes tipos de sociedade, com destaque para os povos originários;

EFO6GE05: Relacionar padrões climáticos, tipos de solo, relevo e formações vegetais;

GeoPUC, Rio de Janeiro, v. 14, n. 28, p. 10-23, jul-dez. 2021



EFO6GEO9: Elaborar modelos tridimensionais, blocos- diagramas e perfis topográficos e de vegetação, visando à representação de elementos e estruturas da superfície terrestre.

EFO6GE11: Analisar distintas interações das sociedades com a natureza, com base na distribuição dos componentes físicos-naturais, incluindo as transformações da biodiversidade local e do mundo.

Segundo Souza 2014, p. 1 é consenso entre muitos educadores e pesquisadores que não é muito adequado o ensino da Geociências na faixa do 6º e 9º ano, devido à complexidade dos conhecimentos. Entretanto, o autor ressalta a grande relevância de estudar estes processos para que os estudantes desenvolvam habilidades mentais de um raciocínio geográfico.

Observa-se que, ainda não é uma prática docente abordar sobre Geologia e Geomorfologia no 6º ano, em que os fenômenos sejam construídos com os estudantes, buscando trazer uma experiência prática, real e dialógica, geralmente, os conhecimentos são soltos, decorados e não conseguem promover relevância na formação dos estudantes (SOUZA, 2014, p.1). Mas realmente, será que é possível construir este raciocínio geográfico? Atualmente, diversos recursos e metodologias podem contribuir na formação dos estudantes e na aprendizagem, mas é importante sempre partir das perguntas norteadoras, o que, por que e como para que o processo de aprendizagem tenha um significado e alguma importância na construção do pensamento e raciocínio geográfico dos estudantes.

### **Os Processos Geológicos e Geomorfológicos da Terra no livro didático**

Para o presente artigo, serão indicados os Capítulo 5 – A Deriva Continental e as Placas Tectônicas e o Capítulo 9 – O Relevo Terrestre para verificar sua abordagem pedagógica, o livro didático, Araribá Mais Geografia do 6º ano, Editora Moderna. Compreende-se que o livro didático não é apenas a única forma de aprendizagem, mas é uma ferramenta que em seu conteúdo promove o contexto teórico, não dialógico e traz uma abordagem expositiva no sentido de o estudante decorar estes processos geomorfológicos.

A Deriva Continental e as placas tectônicas são explicadas em uma única página e os processos são representados com ilustrações para tentar facilitar a compreensão dos estudantes.

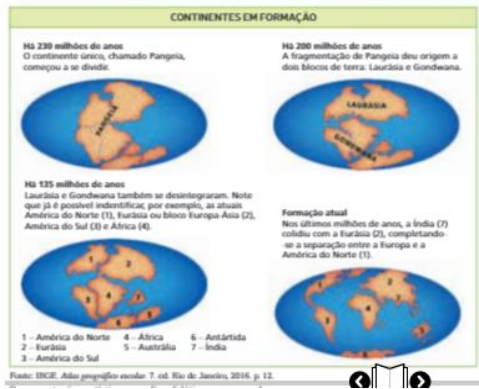
### COMO SE FORMARAM OS CONTINENTES DA TERRA

No início do século XX, o cientista alemão Alfred Wegener desenvolveu uma teoria chamada **deriva continental**, que originou os estudos sobre os movimentos das placas tectônicas. Segundo essa teoria, os continentes atuais são originários de um único e gigantesco continente que existiu há centenas de milhões de anos, denominado Pangeia.

Wegener chegou a essa conclusão depois de observar, por exemplo, que a costa leste da América do Sul parecia se encaixar na costa oeste do continente africano. Além disso, alguns fósseis de animais e vegetais que viveram na mesma época, há milhões de anos, foram encontrados tanto na América quanto na África e em outros continentes.

Há cerca de 230 milhões de anos, o continente Pangeia teria começado a se dividir em dois grandes blocos: Laurásia e Gondwana. Esses blocos também teriam se afastado lentamente um do outro e se fragmentado. Esse processo, de milhões de anos, teria dado origem aos atuais continentes.

No final da década de 1960, a ciência propôs a teoria das placas tectônicas para explicar os movimentos dos continentes.



### AS PLACAS TECTÔNICAS EM MOVIMENTO

A litosfera (ou crosta terrestre) é composta de materiais rochosos, denominados **placas tectônicas**. Essas placas flutuam sobre o material do manto e movem-se muito lentamente, cerca de alguns centímetros por ano, ora se aproximando, ora se afastando uma da outra.

Esse movimento é causado pelas **correntes de convecção**, por meio das quais os materiais mais quentes do manto sobem para perto da base da litosfera. Ao chegar, eles perdem calor e descem, dando lugar aos materiais mais quentes que estão subindo. As correntes causam o deslocamento das placas, como podemos observar na ilustração ao lado.



Os limites entre as placas tectônicas em movimento podem ser **convergentes** (as placas se chocam e há colisão), **divergentes** (as placas se separam e se afastam) ou **transformantes** (as placas aritam ao lado uma da outra). Esses movimentos contribuem para a modificação contínua da superfície terrestre.

Veja no mapa abaixo as principais placas tectônicas e a direção de seus deslocamentos.



Figura 2: A Deriva Continental e as Placas Tectônicas.

Fonte: Livro Didático Araribá Mais Geografia, 2019, p. 60.

Como relacionar esta aprendizagem com as competências e habilidades indicadas pela BNCC? Após estudar no 6º ano, o mesmo conteúdo será trabalhado novamente, em Geografia, no Ensino Médio. Para Toledo (2005, p. 3), o ensino das Geociências em partes fragmentadas e em momentos esporádicos, não são favoráveis à constituição de um conhecimento integral dos ciclos naturais da Terra e muito menos à constituição de uma visão crítica acerca das ações humanas e suas constantes degradações ao meio ambiente, que por sua natureza devastadora, impedem o fluxo normal dos movimentos geológicos.

Ressalta-se também que a Geociências não é somente abordada na disciplina de Geografia, mas também em outras disciplinas como Ciências/ Biologia e em alguns casos, Química e Física o que contribui nesta fragmentação da compreensão do aluno. Segundo Toledo (2005, p. 1) no Brasil, salvo raras exceções, os tópicos geocientíficos têm tido um tratamento fragmentado e disperso, insuficiente para promover a

compreensão da Terra como um sistema complexo e dinâmico, e para desenvolver a sensibilidade necessária para enfrentar os desafios impostos pela degradação ambiental, mostrando um caráter antropocêntrico e imediatista da filosofia de orientação dos conteúdos.

Ao prosseguir, é apresentado no Capítulo 9 – A Formação dos Relevos, para isso conta com os subtemas: As montanhas, a diferença entre altitude e altura; Os diferentes tipos de relevo: planalto, planícies e depressões; Os perfis topográficos do relevo; Os agentes transformadores do relevo; O relevo e as ações antrópicas (páginas 103 a 115). O que se observa sobre os tipos de relevo é uma abordagem simples (Figura 3), sem relações com outros fenômenos da Terra, como o movimento das placas tectônicas, os diferentes acontecimentos de formação do relevo e o diálogo com a era geológica.

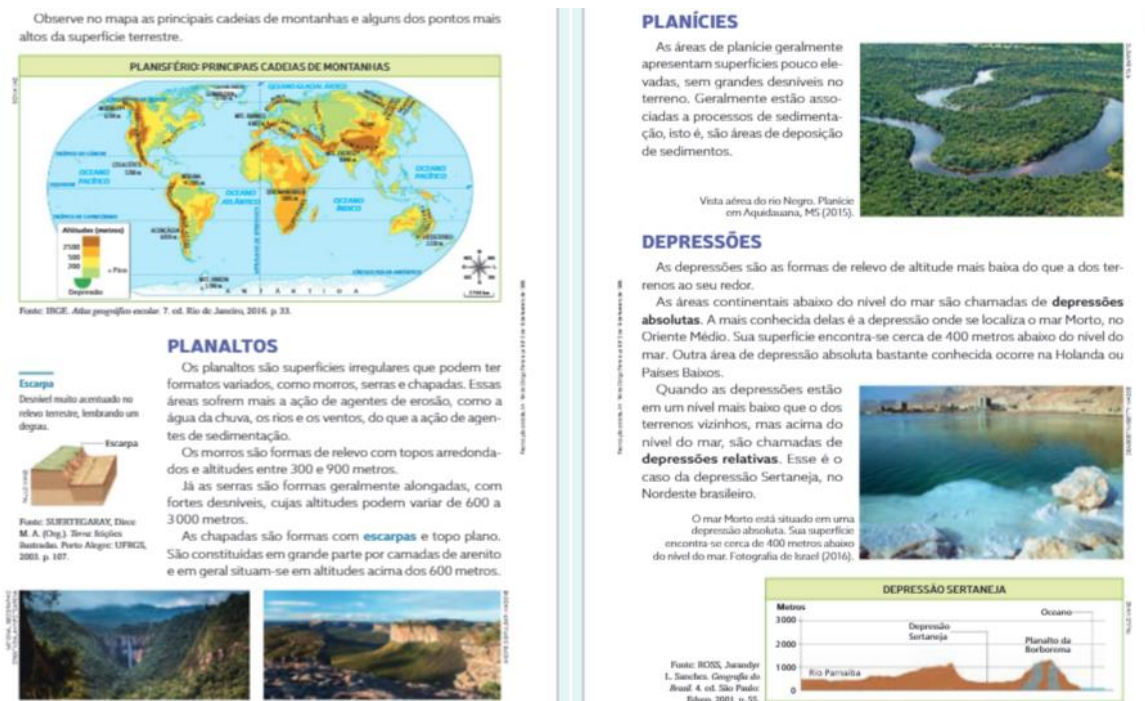


Figura 3: A Formação dos Relevos.

Fonte: Livro Didático Araribá Mais Geografia, 2019, p. 103.

Os livros didáticos realmente estão adequando os conteúdos para que sejam dialogados com a BNCC, buscando trazer novas formas de compreensão, considerando as atuais discussões e metodologias na educação. Livros mais antigos GeoPUC, Rio de Janeiro, v. 14, n. 28, p. 10-23, jul-dez. 2021

apresentam a mesma abordagem e até mesmo algumas imagens do livro apresentado em 2019, como exemplo, um livro publicado em 2013, Editora Spicione, Geografia Geral e do Brasil. Dessa forma, compreende-se que existe um desafio na Geografia Escolar, nas ferramentas pedagógicas que são utilizadas, na metodologia, na formação dos educadores, no currículo.

A Geociências é para além do conhecimento das estruturas e sistema da Terra, sua compreensão relaciona-se aos processos do mundo e suas mudanças, o homem como indivíduo ativo e parte integrante da Terra (TSUZUKI, TURKE & MAISTRO, 2017, p. 3). Os conceitos e procedimentos desta área contribuem para a ampliação das explicações sobre os fenômenos da natureza, para o entendimento e o questionamento dos diferentes modos de nela intervir e, ainda, para o entendimento das mais variadas formas de utilizar os recursos naturais (BRASIL, 1998, p. 35).

## Conclusão

A proposta do presente artigo foi apresentar um diálogo sobre como caminha a Geografia Escolar, sua estrutura curricular e o reflexo dessas discussões no livro didático. Observou-se inúmeros desafios que precisam ser repensados de modo a promover uma aprendizagem para os estudantes do século XXI. É importante ressaltar que, não é somente a Geografia que segue um caminho de desafios, a própria educação básica precisa de uma reforma do pensamento. É um exercício de renovação dos pressupostos epistemológicos e metodológicos e das práticas que regem a educação.

A escola e o seu espaço precisam acompanhar as mudanças da sociedade e dos estudantes para repensar suas práticas, assim como os próprios educadores também precisam compreender, pensar, criar, refazer a leitura do seu papel, do papel da escola na era da sociedade informatizada. A capacidade reflexiva, de produção dos saberes pedagógicos, sobretudo as diretamente relacionadas com a Geociências devem ser inseridas no cotidiano do educador e estudante enfatizando a sua importância na

análise dos acontecimentos globais e sua influência e impactos nos processos relacionados ao homem e natureza.

## Referências

Livros:

BRASIL, **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)**. Introdução. Ensino Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL, **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)**. Geografia. Ensino Fundamental. Últimos Ciclos. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **O Ensino de Geografia na Escola**. Campinas, SP: Papirus, 2012.

HELENA SINGER (SP). **República de Crianças: Sobre Experiências Escolares de Resistência**. Coleção Educação e Psicologia em Debate. Edição Revista Atualizada e Ampliada, São Paulo, Mercado de Letras, 174 p., 2010.

SAVIANI, NEIREDE. **Saber escolar, currículo e didática**. 4ª Edição: Autores Associados. 280 p. 2003.

Artigos de Revistas:

ANDRADE RENATA, **Currículo e o Ensino de Geografia: Orientações Curriculares e Educopédia na Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro**. Revista Eletrônica Para Onde?! Programa de Pós Graduação em Geografia-UFRGS. Porto Alegre, v. 10, n. 2 p. 36-44, 2018.

CACHINHO, HERCULANO, **Geografia Escolar: Orientação Teórica e Práxis Didática**. Inforgeo 15, Lisboa, Edições Colibri, 2000, pp. 69-90. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/260593351\\_GEOGRAFIA\\_ESCOLAR\\_ORIENTACAO\\_TEORICA\\_E\\_PRAXIS\\_DIDATICA/link/53cfd26f0cf2f7e53cf8356a/download](https://www.researchgate.net/publication/260593351_GEOGRAFIA_ESCOLAR_ORIENTACAO_TEORICA_E_PRAXIS_DIDATICA/link/53cfd26f0cf2f7e53cf8356a/download) . Acesso em dezembro de 2020.

RIVEIRA, JOSÉ, **Otras Razones para Compreender La Necesidad de Renovar La Geografía Escolar**. Revista Brasileira de Educação Geográfica, Campinas, v. 10 n. 19, p. 271 -293, jan./ jun. 2020.

GeoPUC, Rio de Janeiro, v. 14, n. 28, p. 10-23, jul-dez. 2021

SAVIANI DERMEVAL, **Educação Escolar, Currículo e Sociedade: o problema da Base Nacional Comum Curricular**. Movimento Revista de Educação, ano 3, número 4, p. 54-81. 2016

SUERTEGARAY, DIRCE & PAULA CRISTIANO, **Geografia e questão ambiental da teoria à práxis**. Revista Ambientes. v.1, n.1, p. 79- 102.

TOLEDO, Maria Cristina Motta de. **Geociências no Ensino Médio Brasileiro - Análise dos Parâmetros Curriculares Nacionais**. Geol. USP Publ. Espec., Revista do Instituto de Geociências – USP. São Paulo, v. 3, p. 31-44, setembro 2005.

Dissertações e teses:

FERREIRA WASHINGTON, **O currículo de Geografia: uma análise do documento de reorientação curricular da SEE-RJ**, 2009. 154p. Dissertação do Mestrado do Programa de Pós Graduação em Geografia Humana Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo - USP

Trabalhos apresentados em congressos:

CORREA ÉRICA, **Desafios e Perspectivas da Geografia Escolar do Século XXI**. In VII Congresso Brasileiro de Geógrafos. Anais do VII CBG – ISBN: 978-85- 98539-04-1. Vitória-ES. 2014 Disponível em: [http://www.cbg2014.agb.org.br/resources/anais/1/1404430936\\_ARQUIVO\\_Osdesafioseperspectivasdageografiaescolarnoseculoxxi.pdf](http://www.cbg2014.agb.org.br/resources/anais/1/1404430936_ARQUIVO_Osdesafioseperspectivasdageografiaescolarnoseculoxxi.pdf). Acesso em dezembro de 2020.

SOUZA, MIRIAN, **A Geologia nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e sua Importância para Compreensão dos Fenômenos Geográficos**. In VII Congresso Brasileiro de Geógrafos. Anais do VII CBG – ISBN: 978-85- 98539-04-1. Vitória-ES. 2014.

TSUZUKI FELIPE, TURKE NATHÁLIA & MAISTRO VÍRGÍNIA, **Aulas Práticas de Geociências: Desafios Enfrentados na Docência Inicial**. EDUCERE XIII Congresso Nacional de Educação, Formação de Professores, Contextos, Sentidos e Práticas. ISSN 2176-1396. 2017.

Recebido em 24 mai. 2021;  
aceito em 22 mai. 2022.